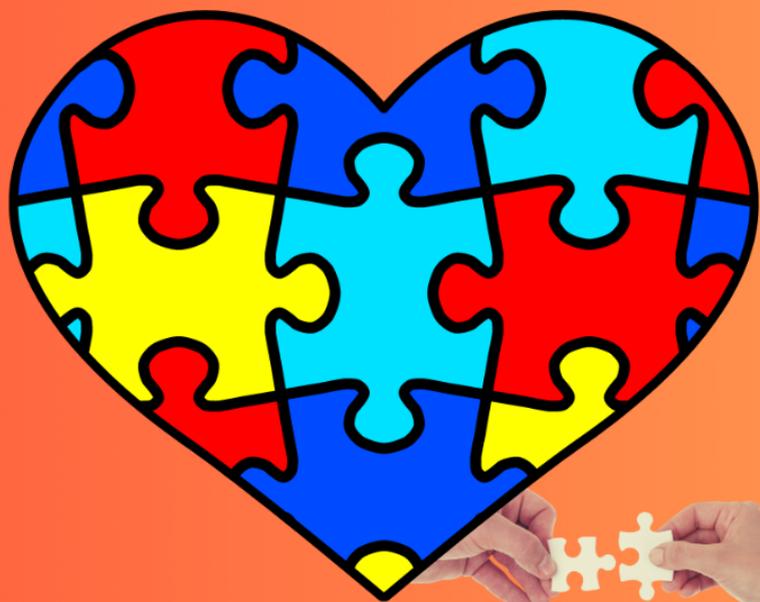


PRODUTO EDUCACIONAL

ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

ELAINE APARECIDA LEANDRO
HELENA LIBARDI

O AUTISMO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES



O AUTISMO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES



ppgecem

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

COLEÇÃO DE E-BOOKS *PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E FORMAÇÃO DOCENTE*

O AUTISMO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Elaine Aparecida Leandro
Helena Libardi



Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Ficha catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Desenvolvimento do Acervo da Biblioteca Universitária da UFLA

Santos, Elaine Aparecida Leandro dos.

O autismo na formação de professores [recurso eletrônico] / Elaine Aparecida Leandro dos Santos, Helena Libardi. – Lavras: PPGCEM/UFLA, 2024.

1 recurso online (32 p.) : il. color.

Modo de acesso: <http://repositorio.ufla.br/handle/1/56524>

Publicação digital (e-book) no formato PDF.

ISBN: 978-65-84982-10-9

1. Autismo. 2. Professor - formação. 3. Educação Inclusiva - matemática. 4. Transtornos do Espectro Autista (TEA). I. Libardi, Helena. II. Título.

CDD - 370.71

Bibliotecária: Defátima Aparecida Silva Pessoa - CRB6/1496

Coordenador da Coleção de e-books *Práticas Pedagógicas e Formação Docente*:

José Antônio Araújo Andrade

Editor responsável:

José Antônio Araújo Andrade

Revisão:

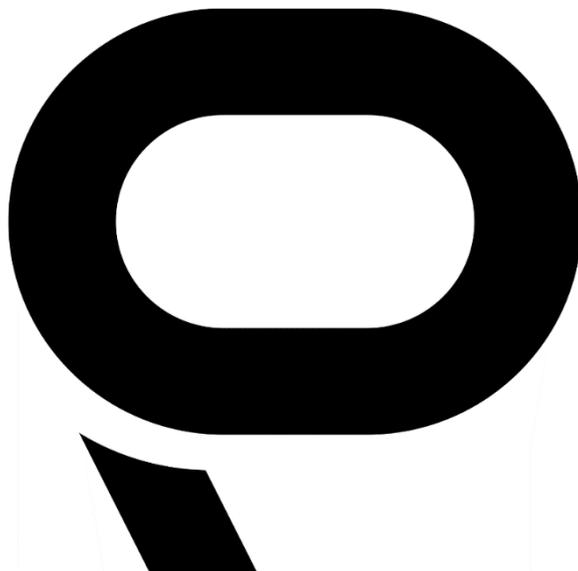
Gislaine Aparecida Teixeira

Capa:

Elaine Aparecida Leandro, Helena Libardi e José Antônio Araújo Andrade

Diagramação:

José Antônio Araújo Andrade



Coleção de e-books Práticas Pedagógicas e Formação Docente

José Antônio Araújo Andrade

Marianna Meirelles Junqueira

Iraziet da Cunha Charret

Conselho Editorial

Dra. Adair Mendes Nacarato – Universidade São Francisco – Brasil

Dra. Adriana Aparecida Molina Gomes – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Brasil

Dra. Adriana Correia de Almeida – Instituto Federal do Sul de Minas – Brasil

Dra. Cármen Lúcia Brancaglioni Passos – Universidade Federal de São Carlos – Brasil

Dra. Cristina Carvalho de Almeida – Instituto Federal do Sul de Minas – Brasil

Dr. Evandro Fortes Rozentalski – Universidade Federal de Itajubá – Brasil

Dra. Flávia Cristina Figueiredo Coura – Universidade Federal de São João Del Rei – Brasil

Dra. Francine de Paulo Martins Lima – Universidade Federal de Lavras – Brasil

Dr. Frederico Augusto Totti – Universidade Federal de Alfenas – Brasil

Dr. Gildo Giroto Junior – Universidade Estadual de Campinas – Brasil

Dra. Iraziet da Cunha Charret – Universidade Federal de Lavras – Brasil

Dr. João Pedro da Ponte – Universidade de Lisboa – Portugal

Dr. José Antônio Araújo Andrade – Universidade Federal de Lavras – Brasil

Dra. Leonor Santos – Universidade de Lisboa – Portugal

Dr. Luciano Fernandes Silva – Universidade Federal de Itajubá – Brasil

Dra. Maria do Carmo de Sousa – Universidade Federal de São Carlos – Brasil

Dra. Marianna Meirelles Junqueira – Universidade Federal de Lavras – Brasil

Dr. Regilson Maciel Borges – Universidade Federal de Lavras – Brasil

Dra. Regina Célia Grando – Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil

Dr. Ronei Ximenes Martins – Universidade Federal de Lavras – Brasil

Dr. Vitor Fabrício Machado Souza – Universidade Federal do Paraná – Brasil

Dr. Wilson Elmer Nascimento – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	9
2	ENTENDENDO UM POUCO MAIS SOBRE O AUTISMO	11
3	UMA PROPOSTA DE OFICINA ACERCA DO AUTISMO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	15
4	DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
	ANEXO A	31



APRESENTAÇÃO

Caras professoras e caros professores,

Apresento neste material alguns aspectos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista, além de compartilhar com vocês um pouco dos meus estudos, proponho, também, um espaço de formação e reflexão acerca do tema fulcral: o autismo na formação de professores.

A inclusão está cada vez mais presente em nossos espaços escolares. Diante dessa realidade, surge a seguinte pergunta: “A partir da minha formação, como poderei contribuir no processo de ensino e de aprendizagem das pessoas com deficiência, mais particularmente, estudantes autistas?”.

Dentre as várias respostas para esta pergunta, existe um aspecto fundamental no que se refere à inclusão de estudantes com deficiência; *a formação de professores*. Neste sentido, acreditamos que é fundamental proporcionar espaços formativos, em que possamos refletir e partilhar nossas experiências com outros colegas de profissão, experiências estas que estão relacionadas aos acontecimentos da sala de aula.

Meu objetivo com este produto educacional é apresentar os conhecimentos que foram adquiridos ao longo da minha formação sobre a Educação Matemática Inclusiva e o Autismo. Ao pesquisar sobre a formação de professores, pude perceber que muitos de nós não tiveram espaços formadores e reflexivos sobre as pessoas com deficiência. Com isso, nossa prática se torna cada vez mais distante, e, muitas vezes, não sabemos como incluir estes estudantes para que ocorra de fato o processo de ensino e de aprendizagem.

Este material se estende a todos os profissionais que fazem parte do processo de inclusão de estudantes autistas, sendo eles gestores, diretores, coordenação pedagógica, supervisores e professores. Ressalto também que ele pode servir de

apoio para que órgãos públicos possam utilizá-lo com a finalidade de promover espaços formativos no âmbito da Educação.

Apresento a estrutura da oficina “O Autismo na Formação de Professores que lecionam Matemática”, com o objetivo de contribuir para a sua formação inicial e continuada, intencionando que este conteúdo possa melhorar a relação entre os principais atuantes na formação dos estudantes autistas, como pais, professores de apoio, coordenação pedagógica, entre outros.

O material está organizado da seguinte maneira: iniciamos abordando aspectos relacionados ao autismo. Em seguida, apresentamos a proposta de oficina relacionada ao autismo na formação de professores. Por fim, elencamos algumas considerações que visam sintetizar as discussões feitas ao longo deste trabalho.

Assim, no próximo capítulo apontamos algumas contribuições acerca do autismo com o objetivo de contribuir e auxiliar sobre os conhecimentos relacionados ao tema.

Grande abraço,

Elaine Aparecida Leandro

Helena Libardi



ENTENDENDO UM POUCO MAIS SOBRE O AUTISMO

Neste capítulo, queremos trazer alguns conhecimentos acerca do Transtorno do Espectro Autista. Sendo assim, cabe pontuar que durante a nossa formação inicial e/ou continuada, poucos, ou quase nenhum, foram os momentos em que tivemos a oportunidade de conhecer melhor sobre este assunto. Assim, nosso objetivo é que, através dos conhecimentos compartilhados, você possa refletir sobre o tema e, assim, passar a ter um novo olhar sobre os estudantes autistas, e, conseqüentemente, melhorar a sua relação nos espaços escolares.

Neste produto educacional, apresentaremos de forma breve um pouco de duas visões: a clínica e a sócio-histórica, mas nosso foco principal será apresentar a visão sócio-histórica.

Quando nos referimos à visão clínica, estamos nos direcionando aos documentos legais e diagnósticos que classificam os transtornos e as deficiências. No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM - V¹, o autismo é definido como um transtorno no neurodesenvolvimento. Este documento, além de definir tal transtorno, apresenta algumas contribuições importantes que podemos considerar nos aspectos escolares.

Ele classifica o autismo em três níveis, sendo eles:

Nível I - Autismo leve. Neste grupo, se encontram as pessoas que possuem pouca necessidade de apoio;

Nível II - Autismo moderado. Neste grupo, as pessoas possuem uma marcante dificuldade nas habilidades sociais, sendo muitas vezes comprometidas nas comunicações verbal e não-verbal;

¹ARTMED [AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION]. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico]: DSM-5. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* Revisão técnica Aristides Volpato Cordioli *et al.* 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: https://www.alex.pro.br/DSM_V.pdf. Acesso em: 24 nov. 2022.

Nível III - Autismo grave. Neste grupo, as pessoas são caracterizadas por graves dificuldades relacionadas à comunicação, sendo elas verbais ou não verbais, possuem, também, grande limitação no que se refere às interações sociais.

Ter conhecimento sobre esses níveis nos ajuda a compreender os perfis dos nossos estudantes autistas em nossas salas de aula, de modo a corroborar o processo de socialização e de ensino-aprendizagem desses sujeitos.

O papel do diagnóstico deve ser informativo, ele não deve ser nosso referencial para o desenvolvimento das atividades com os estudantes autistas em nossas salas de aula. Para tal, buscamos trazer reflexões sobre a teoria sócio-histórica que considera as particularidades e as individualidades desses estudantes, valorizando as habilidades que podem ser desenvolvidas.

Lev Semenovich Vigotski² foi um importante psicólogo russo que contribuiu com estudos para as pessoas com deficiência e que deixou muitos trabalhos que nos auxiliam nas reflexões relacionadas ao ensino das pessoas autistas. Ele foi o autor da teoria sócio-histórica, que deixou contribuições na área da Educação Matemática Inclusiva. Em seus escritos, ele não tinha como foco as limitações do indivíduo, mas considerava as habilidades que cada um apresentava para o desenvolvimento das atividades.

Vigotski (2011) orienta que o processo de ensino-aprendizagem deve ocorrer de maneira particular, de modo a promover a superação. Tal teoria é de grande contribuição, pois, segundo Fleira (2016), ele apresentou o desenvolvimento atrelado ao aprendizado, em que o meio sociocultural era o simplificador.

O desenvolvimento dos autistas está intimamente ligado às práticas escolares para um caminho de aprendizagem, isso ocorre graças a nossa (professores) mediação, visto que estamos envolvidos no processo de inclusão desses estudantes autistas. Cabe pontuar que me refiro aqui, também, à equipe pedagógica que está diretamente envolvida neste processo de ensino e aprendizagem no âmbito escolar.

Moysés (2003) reflete que a mediação busca formas de contribuições para os estudantes com estímulos, de modo que os estudantes se tornem cada vez mais independentes em suas atividades. E, nesta mediação, temos uma peça-chave: os *professores*.

² REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Ao nos voltarmos para o ensino de matemática em nossas salas de aula e o processo de aprendizagem dos estudantes autistas, devemos olhar para as suas individualidades e particularidades, de modo que eles possam se desenvolver continuamente. Nesse sentido, o planejamento das atividades deve buscar que,

a criança adquira, para uma ênfase na metodologia que envolva atitude, que desenvolva capacidade de matematizar situações reais, que desenvolva capacidade de criar teorias adequadas para as situações mais diversas, e na metodologia que permita o recolhimento de informações onde ela esteja, metodologia que permita identificar o tipo de informação adequada para uma certa situação e condições para que sejam encontrados, em qualquer nível, os conteúdos e métodos adequados (D' AMBRÓSIO, 1986, p.15).

É importante que o professor, a partir das particularidades e individualidades dos estudantes autistas, busque cativar nesses sujeitos a capacidade de resolver questões próximas a eles e ligadas ao cotidiano. A busca de estratégias, como adaptação de conteúdo, ou material, permite que estes estudantes possam ter a capacidade de se desenvolverem, como aponta D'Ambrósio (1986), dependerá do modo que será conduzido e desenvolvido as atividades.

A partir da nossa mediação enquanto professor, e da valorização das especificidades dos nossos estudantes autistas, é possível promover o desenvolvimento e a autonomia de modo que ele possa fortalecer suas habilidades cada vez mais³.

Apresentamos neste *ebook* uma proposta de oficina acerca do autismo como um espaço formativo e reflexivo, servindo de suporte para a formação continuada e inicial da comunidade escolar como um todo. A proposta é desenvolver momentos a partir de temas pré-estabelecidos, com textos motivadores que darão embasamentos teóricos para as discussões nos ambientes escolares.

³ No meu trabalho de dissertação, intitulado "CAMINHOS PARA A INCLUSÃO: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA ACERCA DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)", amplio minhas discussões e reflexões também sobre o autismo, apresento algumas dicas que são realizadas por professores no desenvolvimento de atividades com estudantes autistas.



UMA PROPOSTA DE OFICINA ACERCA DO AUTISMO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

No terceiro capítulo deste produto, iremos apresentar uma proposta de uma oficina relacionada ao autismo, que tem por finalidade contribuir com a nossa formação inicial e continuada professores da rede básica de ensino, onde nos inserimos.

Compreendemos, enquanto discentes, a importância de promover espaços formativos, de modo que eles possam vir a contribuir com nossas práticas escolares. Neste sentido, “discutir a formação continuada na instituição educativa implica considerá-la um espaço privilegiado para a reflexão, para a construção dos saberes dos professores e sua relação com a prática pedagógica” (ZAPELINI, 2009, p.170).

Para a realização desse espaço formativo, iremos apresentar os aspectos metodológicos da oficina, possibilitando que vocês possam desenvolvê-la em diversos momentos e em diferentes espaços escolares.

A oficina, intitulada “O Autismo na Formação de Professores”, foi idealizada com 50h, sendo essas horas divididas em módulos. Cada módulo foi idealizado para ser desenvolvido com 2 horas presenciais e 10 horas de momentos de estudo, podendo ser realizadas a partir de encontros síncronos ou assíncronos, utilizando plataformas digitais, como o *Google Meet* e *Google Classroom*. Desta forma, para cada encontro presencial ou síncrono temos um momento de estudo. Para fomentar as discussões e reflexão, sugerimos perguntas a serem direcionadoras no decorrer dos encontros.

O primeiro passo, que antecede a oficina, é o envio de um questionário, com o objetivo de identificar se, em algum momento da formação, os professores e os gestores tiveram ambientes de discussões acerca da Educação Inclusiva e quais suas perspectivas para o curso, possibilitando também conhecer a vivência dos

participantes (ANEXO A). No próximo tópico apresentaremos a descrição de cada encontro da oficina, além da descrição metodológica e os objetivos dos encontros.

SUGESTÃO:



O desenvolvimento da oficina pode ser realizado em encontros presenciais ou por meio de plataformas online. Uma proposta seria que, no início da oficina, seja realizado um encontro presencial, com o objetivo dos participantes possam se conhecer.

Mas fica a seu critério para adotar a melhor dinâmica, levando em consideração as características do grupo participante!



DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS

PRIMEIRO ENCONTRO – MÓDULO I

Este primeiro encontro pode ser realizado de forma presencial ou utilizando alguma plataforma digital, como, por exemplo, o *Google Meet*, tendo duração de 2 horas.

Descrição Metodológica:

- Apresentação da estrutura da oficina, com o objetivo de mostrar a dinâmica dos encontros e as propostas;
- Apresentação dos professores participantes e reflexão sobre as suas experiências em relação ao convívio com estudantes autistas.
- No terceiro momento, é proposto que seja desenvolvida uma dinâmica com esses professores, apresentando o curta intitulado “**Float**”⁴ (FIGURA 1), que conta a história de um pai e um filho, que têm o poder de flutuar. No decorrer deste curta, ocorrem situações em que as pessoas que convivem com o pai e o filho não sabem lidar com a diferença da criança. Na tentativa de proteger o filho, o pai tenta mantê-lo isolado, neste ponto, a proposta é fazer uma reflexão sobre os papéis dos personagens, trazendo-os para o âmbito escolar.

⁴ Float. Direção: Bobby Rubio. Emeryville, CA: Pixar Animation Studios, 2019. Curta (7 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MnU1hHFsgQc>. Acesso em: 06 set. 2021.

Figura 1: Curta Float apresentado no Módulo I



Fonte: Curta Float, 2019.



Perguntas direcionadoras:

- Como temos lidado com as diferenças?
- Como nós, profissionais da educação, temos refletido sobre essas questões? Elas nos mobilizam, nos incomodam?
- Como foi para vocês receber a notícia de um estudante autista?
- Qual a sua relação com estes estudantes autistas em suas salas de aula?

Momento de Estudo I: Assíncrono

Para este momento de estudo, propomos a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista⁵ para que os professores pudessem ter conhecimento sobre as legislações que regem os direitos dos autistas.

⁵ BRASIL. **Lei nº 12.764, 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília/DF: Casa Civil [2012], Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 24 nov. 2020.

SEGUNDO ENCONTRO – MÓDULO II

Momento de Estudo II: Assíncrono

Para a discussão no segundo encontro, propomos a leitura do texto “Educação Especial no Brasil: Desenvolvimento Histórico”⁶ (FIGURA 2).

Este segundo encontro pode ser realizado de forma presencial ou utilizando alguma plataforma digital, como, por exemplo, o *Google Meet*, tendo duração de 2 horas.

Descrição Metodológica:

- O segundo módulo tem por objetivo trazer conhecimentos teóricos para os participantes, levá-los a refletir sobre os aspectos que envolvem a Educação Especial no Brasil e discutir quais foram as conquistas da Educação Especial para estudantes autistas, a inserção destes no ensino regular e o direito a professores de apoio.

Figura 2: Detalhe do artigo utilizado no Módulo II

Cadernos de História da Educação – n. 7 – jan./dez. 2008 | 29 |

EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO
Especial education in Brazil: an historical development

Arlete Aparecida Bertoldo Miranda¹

RESUMO

Focalizando as relações entre os deficientes e a educação brasileira, este artigo tem como objetivo resgatar o histórico da Educação Especial no Brasil, desde a implementação de políticas educacionais de caráter assistencial/filantropico até o momento atual da inclusão. Evidenciamos que a implementação das políticas pertinentes a Educação Especial encontra-se articulada aos ideários, concepções e necessidades históricas específicas da sociedade em determinado período. As iniciativas nacionais de implementação das políticas para a Educação Especial até a década de 1980 delinear-se em um cenário marcado pela desarticulação de medidas, o que dificultou a escolarização dos deficientes. Em meados da década de 1990, no Brasil, começam as discussões em torno do novo modelo de atendimento escolar denominado inclusão escolar. A efetivação desse novo paradigma tem gerado muitas controvérsias e discussões.

Fonte: Miranda, 2009.

⁶ MIRANDA, A. A. B. Educação Especial no Brasil: Desenvolvimento Histórico. **Cadernos De História Da Educação**, v. 7, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/1880>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Perguntas direcionadoras:

- Vocês já tiveram a oportunidade de conhecer sobre as legislações relacionadas à Educação Inclusiva?
- Vocês possuem conhecimentos sobre os direitos dos estudantes autistas?
- Vocês sabiam que é garantido por lei o direito a um professor apoio para estudantes autistas?

TERCEIRO ENCONTRO – MÓDULO III

Este terceiro encontro pode ser realizado de forma presencial ou utilizando alguma plataforma digital, como, por exemplo, o *Google Meet*, tendo duração de 2 horas.

Momento de Estudo III: Assíncrono

Para a discussão no terceiro encontro, propomos a leitura do texto “Ensino colaborativo para o apoio à inclusão”⁷ (FIGURA 3).

Figura 3: Detalhe do artigo utilizado no Módulo III



Fonte: Vilaronga e Mendes, 2014

Descrição Metodológica:

→ No terceiro módulo, a proposta é discutir sobre a importância do professor de apoio e do professor regular no processo de inclusão dos estudantes autistas;

⁷ VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. 95, n. 239, p. 139-151, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/dBz3F9PJFswJXFzn3NNxTC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2022.

apontar como a cooperação entre estes profissionais pode ter consequências positivas para o processo de ensino e aprendizagem destes estudantes; quais os desafios que eles enfrentam diariamente, e, também, os aprendizados que são obtidos na convivência com estudantes autistas. Além desse trabalho colaborativo entre os professores envolvidos neste processo, vale a pena discutir sobre a importância do papel da família, que, juntos com a equipe pedagógica, são capazes de garantir um melhor aproveitamento dos estudantes autistas em suas salas de aula.

Perguntas direcionadoras:

- Há comunicação entre os professores do Ensino Fundamental I, II, Médio e Ensino Infantil, dentro do seu ambiente escolar?
- Vocês têm práticas colaborativas no ambiente escolar?
- Como foi o trabalho de vocês com o professor de apoio? Havia um planejamento em conjunto?
- Há uma boa relação entre a família dos estudantes autistas e a escola? Os pais mantêm uma comunicação com a escola?

QUARTO ENCONTRO – MÓDULO IV

Este quarto encontro pode ser realizado de forma presencial ou utilizando alguma plataforma digital, como, por exemplo, o *Google Meet*, tendo duração de 2 horas.

Momento de Estudo IV: Assíncrono

O material sugerido como embasamento para as nossas discussões no quarto encontro é o texto “Recursos didáticos para a acessibilidade de aluno com espectro autista nas aulas de matemática”⁸ (FIGURA 4).

Descrição Metodológica

→ A partir da leitura realizada no momento de estudo IV, é proposta a discussão sobre a importância da utilização de recursos didáticos no ensino de matemática para estudantes autistas.

Perguntas Direcionadoras

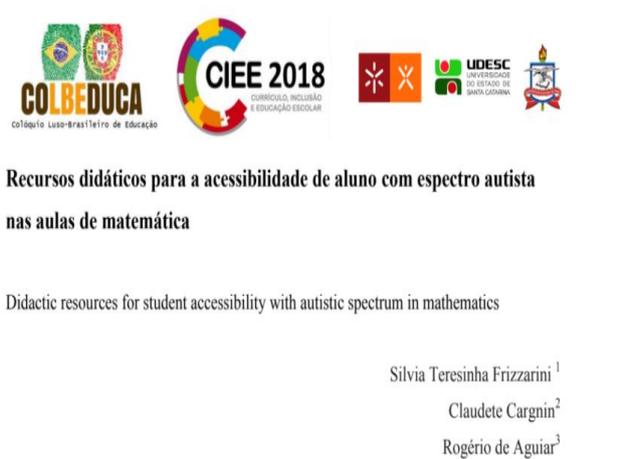
- Qual a percepção de vocês a partir do texto?
- Como funcionam as práticas de vocês para com esses estudantes?
- Como é feita a avaliação, é a mesma que os demais?
- Já prepararam algum tipo de material específico que foi adaptado para esses estudantes?

No decorrer do desenvolvimento da oficina, e a partir dos momentos de discussões e reflexões com os professores, um ponto que foi bastante discutido entre os participantes; a importância da família dentro do processo de inclusão para com estudantes autistas. A partir das falas que foram sendo cada vez mais frequentes, e apoiadas na colocação de Lüdke e André (1986) que nos apresentam que a pesquisa

⁸ FRIZZARINI, S. T.; CARGNIN, C.; AGUIAR, R. Recursos didáticos para a acessibilidade de aluno com espectro autista nas aulas de matemática. *In: IV COLBEDUCA - Colóquio Luso-Brasileiro de Educação*. 4, 2018. [Anais do Colóquio Luso-Brasileiro de Educação - COLBEDUCA] Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/colbeduca/article/view/11358>. Acesso em: 28 abr. 2021.

qualitativa pode ocorrer de forma flexível, decidimos modificar os rumos do último módulo.

Figura 4: Detalhe do artigo utilizado no Módulo IV



Fonte: Frizzarini, Cargnin e Aguiar, 2018.

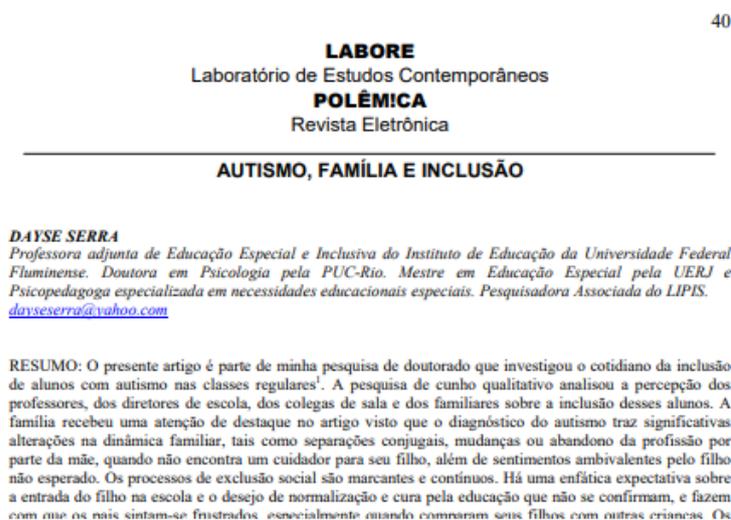
QUINTO ENCONTRO – MÓDULO V

Este quinto encontro pode ser realizado de forma presencial ou se utilizando de alguma plataforma digital, como, por exemplo, o *Google Meet*, tendo duração de 2 horas. Como proposta de leitura, propomos o artigo “Autismo, Família e Inclusão”⁹ (FIGURA 5).

Descrição Metodológica

- Discussão sobre a importância da parceria entre a família e a escola no processo de inclusão e desenvolvimento de estudantes autistas.

Figura 5: Detalhe do artigo utilizado no Módulo V



Fonte: Serra, 2010.

Perguntas direcionadoras

- Há uma boa relação entre a família dos estudantes autistas e a escola?
- Os pais mantêm uma comunicação com a escola?
- Na relação de vocês, professores regentes ou de apoio, há uma continuidade do trabalho iniciado na escola?
- Como é percebido/notado por vocês o diagnóstico destas famílias em relação ao

⁹ SERRA, D. Autismo, família e inclusão. *Polêm!ca*, v. 9, n. 1, p. 40 - 56, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2693/1854>. Acesso em: 24 nov. 2022.

autismo dos seus filhos?



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este produto educacional tem por finalidade contribuir e inserir o tema *inclusão do estudante do espectro autista* na formação inicial e continuada de todos os profissionais que trabalham direta ou indiretamente com o processo de ensino de estudantes, sendo eles professores, gestores, diretores, coordenação pedagógica, supervisores e órgãos públicos ou municipais que desenvolvem alguma atividade formativa nos aspectos da inclusão de pessoas com deficiência.

Discorrer acerca deste tema tem se tornado cada vez mais necessário em nossos espaços escolares, uma vez que a inclusão se tornou presente em salas de aula. Neste sentido, acreditamos também que encontros para a reflexão e diálogos referentes às vivências diárias acerca das pessoas com deficiência contribuem nas práticas escolares de forma significativa.

Quanto à dinâmica dos temas dos encontros, eles podem ser alterados de acordo com a realidade escolar. Para se preparar no decorrer das conduções, é importante fazer um estudo nos materiais sugeridos e seguir as descrições metodológicas para um bom desenvolvimento.

Espero que este material possa ser motivo de muitas reflexões, e contribuir com a prática escolar e com a vivência dos estudantes autistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'AMBROSIO, U. **Da realidade à ação**: reflexões sobre educação e matemática. São Paulo: Sammus, 1986.

FLEIRA, R. C. Intervenções pedagógicas para a inclusão de um aluno autista nas aulas de matemática: um olhar vygotskyano. 2016. **Dissertação (MESTRADO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA)** - Universidade Anhanguera de São Paulo, São Paulo, 2016. 135p.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOYSÉS, L. **Aplicações de Vygotsky à Educação Matemática**. 5. ed., Campinas: Papirus, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 863-869, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000400012>. Acesso em: 02 jan. 2023.

ZAPELINI, C. A. E. Processos formativos constituídos no interior das instituições de Educação Infantil: uma experiência de formação continuada. **Pró-Posições**, Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 167-184, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/wkLZR5bbHTVgt8LD6B5m6Cd/>. Acesso em: 09 jan. 2023.

ANEXO A

DADOS PESSOAIS	
Nome:	
Idade:	
E-mail:	
Endereço:	
Bairro:	
Cidade:	Telefone:
Qual codinome quer que seja usado na pesquisa?	

FORMAÇÃO INICIAL	
Curso Superior:	
Instituição: () Pública () Privada	
Nome da Instituição:	
Ano de início e término do curso:	

PÓS-GRADUAÇÃO	
Nome do Curso:	
Instituição: () Pública () Privada	
Modelo: () Presencial () Semipresencial () A distância	
Nome da Instituição:	
Ano de início e término do curso:	
() Não possuo formação continuada (pós-graduação)	

ATUAÇÃO PROFISSIONAL	
Quanto tempo tem de atuação profissional docente? Em que ano começou a lecionar?	
Qual o nome da(s) escola(s) em que você leciona?	
No decorrer da sua formação acadêmica, teve contato com ambientes de discussões acerca da Educação Inclusiva?	
Quando se fala em "Inclusão de estudantes autistas" qual é a sensação que você tem? Consegue descrever?	
Você leciona ou já lecionou para estudantes autistas, inseridos no ensino regular? Qual sua relação com este(s) estudante(s)?	
Já exerceu outra profissão antes de começar a lecionar? Onde? Em que?	
Quais são suas perspectivas para a oficina "O Autismo na Formação de Professores"?	

Há alguma objeção em fazer a áudio-gravação das reuniões?
 SIM NÃO

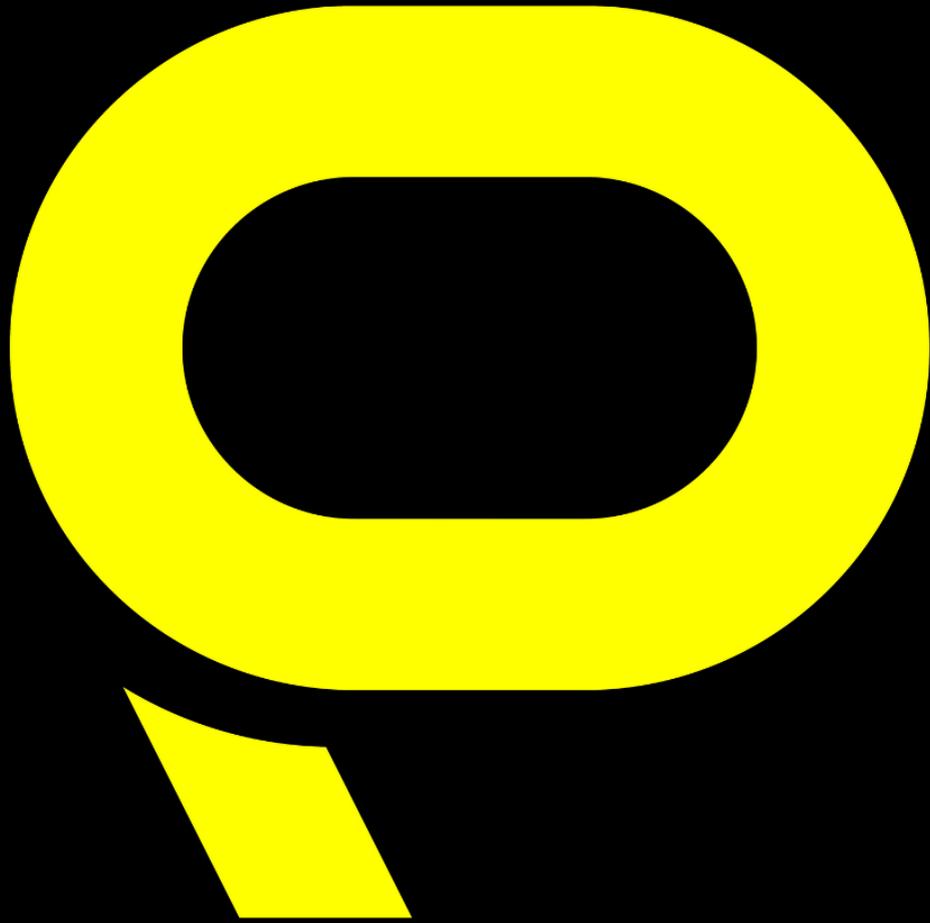
Obs.: Se tiver mais alguma informação que considere importante pode acrescentar aqui.

Elaine Aparecida Leandro

Formada em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) desde agosto de 2018. No ano de 2019, comecei a minha carreira como docente em uma escola particular na cidade de Lavras. A partir das vivências escolares e das minhas experiências no decorrer da graduação na APAE de Lavras, tive várias motivações para avançar nos estudos na perspectiva da Educação Matemática Inclusiva. No mesmo ano, ingressei no Núcleo de Estudos em Educação Matemática (NEEMAT), o principal objetivo em participar do núcleo era de agregar novos conhecimentos na área da inclusão que pudessem contribuir com a prática no ambiente escolar. Em 2020, se deu o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática também na UFLA, com o intuito de aprofundar os estudos sobre a Educação Matemática Inclusiva atrelado ao Autismo.

Helena Libardi

Graduação, Mestrado e Doutorado em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de Óptica e Laser, Pós-doutorado na Faculdade de Educação da USP. Ingressou como docente na Universidade Federal de Lavras em 2009, quando começou a trabalhar com ensino inclusivo. Faz parte do setor de acessibilidade da Universidade desde sua criação e atua junto ao Programa de Apoio ao Discente com Necessidades Educacionais Específicas da Universidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS